



Número 266  
03 de janeiro de 2021

**As recentes mudanças no segmento petroquímico**

**DI ESE**  
DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE  
ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS

## As recentes mudanças no segmento petroquímico

Ganho de escala e inovação têm motivado uma onda de transações de fusão e aquisição de empresas mundo afora, e no Brasil não tem sido diferente. No ramo químico, foi realizada a venda de duas das maiores petroquímicas do país - Braskem e Oxiteno.

A indústria química brasileira, mesmo pressionada pela perda de competitividade, ocupa a sexta posição no mundo, tendo alcançado faturamento superior a cem bilhões de dólares em 2020. No entanto, os investimentos na produção de químicos de uso industrial, que estão na base da cadeia de valor, estacionaram em um patamar entre US\$ 600 milhões e US\$ 700 milhões anuais, montante necessário apenas para a manutenção das operações. Além disso, metade da demanda por produtos da indústria química tem sido suprida por importações, que, em 2020, somaram US\$ 41 bilhões.

Esse cenário tem causado incertezas quanto ao futuro do ramo no país e provocado inúmeros debates sobre uma possível desnacionalização e escassez de investimentos na indústria química.

Esta Nota Técnica tem o objetivo de traçar um breve panorama das mudanças recentes ocorridas no segmento petroquímico e suas implicações para a indústria química e a economia brasileira. Cabe ressaltar que, devido à complexidade dos movimentos ocorridos nos últimos meses, o tema certamente continuará sendo objeto de reflexões e, posteriormente, da elaboração e publicação de análises mais atualizadas.

### A crise de 2015 – 2016

Em 2015 e 2016, o Brasil estava mergulhando em uma séria crise política, que culminou com o impeachment da presidenta Dilma Rousseff ainda em 2016. Juntamente com a crise política, o ambiente econômico degradou-se, o que acabou por gerar um período de recessão. O Produto Interno Bruto (PIB) do país sofreu retração de 7,65%<sup>1</sup> no acumulado desses anos. Dentre os setores mais atingidos pela crise, destacam-se a construção civil (-20,1%) e a indústria de transformação (-13,4%).

---

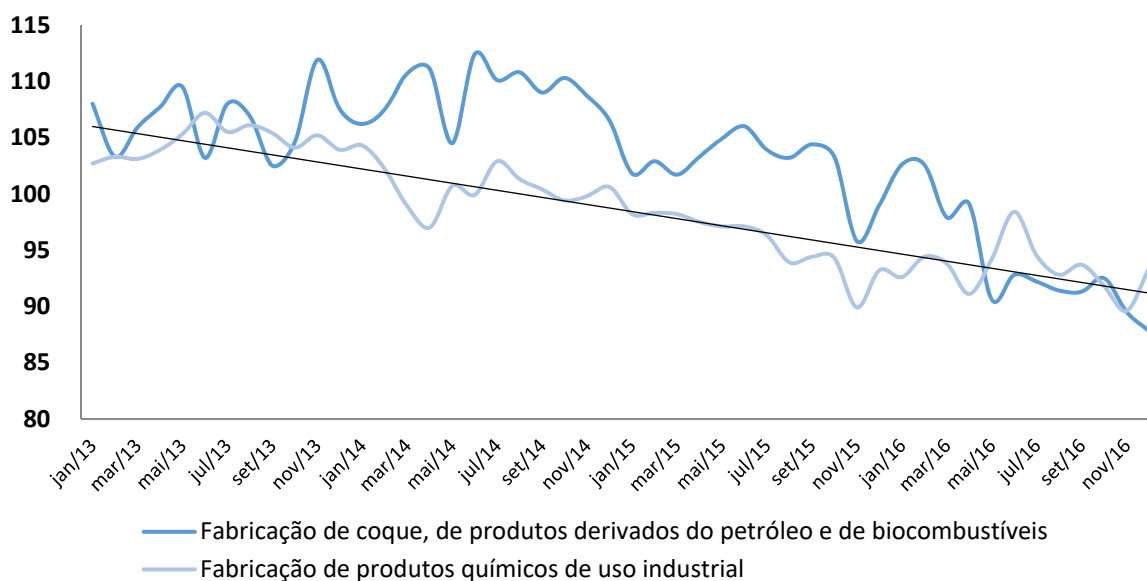
<sup>1</sup> Segundo dados do IBGE valores encadeados a partir de 1995.

Esse processo recessivo acabou por atingir fortemente o mercado de trabalho: entre 2015 e 2016, foram perdidos 3,5 milhões de postos de trabalho formais, elevando a taxa de desemprego de 6,5%, no final de 2014, para 12,0%, ao final de 2016.

A recessão econômica, aprofundada pelo avanço da Operação Lava Jato<sup>2</sup>, afetou também a indústria química. O foco das investigações sobre empresas do setor da construção civil e Petrobrás gerou a redução de investimentos nessas áreas. Estudo do DIEESE sobre os impactos da Operação estimou em R\$172 bilhões de reais o montante subtraído da economia, desinvestimentos que atingiram toda a cadeia de produtos químicos.

Como resultado da dinâmica recessiva, a produção da indústria petroquímica apresentou resultados negativos. As atividades de extração de petróleo e refino registraram queda de aproximadamente 19% e a produção de produtos químicos de uso industrial, de 8%.

**GRÁFICO 1 - Índice de produção da indústria Petroquímica com ajuste sazonal  
jan/2013 - dez/2016 - (média de 2012 = 100)**



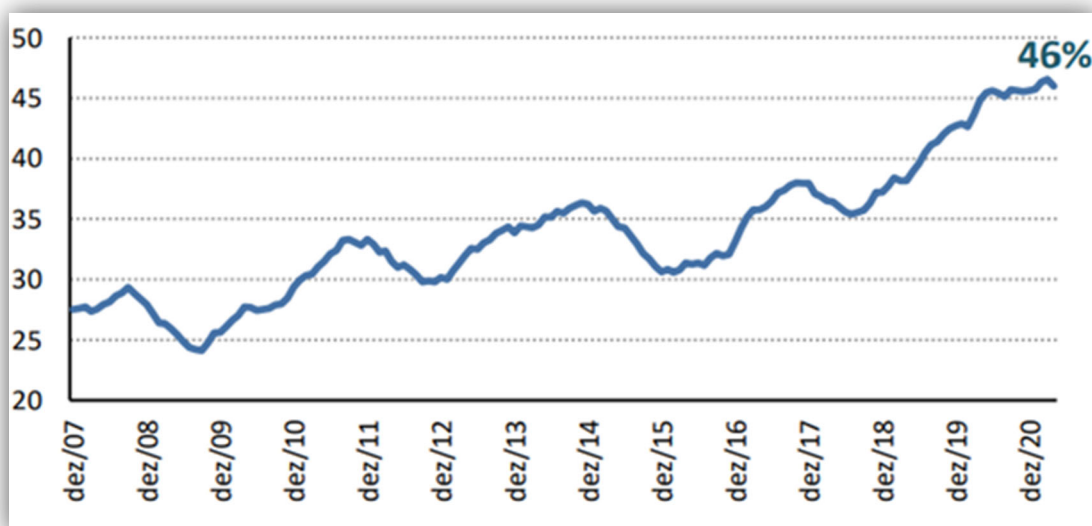
Fonte: Pesquisa Industrial Anual (IBGE)  
Elaboração: DIEESE

<sup>2</sup> Segundo estudo elaborado pelo DIEESE, a Operação Lava Jato custou 4,4 milhões de empregos e 3,6% do PIB.

## Os reflexos da crise econômica no segmento petroquímico

As consequências da crise econômica de 2015/2016 aprofundaram problemas estruturais presentes na indústria brasileira, como a ausência de políticas específicas para o setor. Concomitantemente à queda das atividades petroquímicas, a participação de importações no Consumo Aparente Nacional (CAN) subiu no período pós-crise, chegando ao elevado patamar de 45% em dezembro de 2019, ou seja, praticamente metade dos produtos químicos utilizados pelo país era importada. Vale ressaltar que, em 1990, as importações desses produtos pesavam apenas 7% no CAN.

**Gráfico 2 - Taxa de participação das importações da indústria química no Consumo Aparente Nacional (CAN)**  
(variação média dos últimos 12 meses)



Fonte: Relatório de Acompanhamento Conjuntural (RAC) - Abiquim

A consolidação da alta participação de importados no mercado nacional agravou a situação da Balança Comercial do ramo químico. No período de 2016 a 2019, houve aumento anual de 9% nas importações<sup>3</sup>, enquanto as exportações se mantiveram praticamente no mesmo patamar.

Ao final do período de 2010/2020, com a diminuição do apoio governamental ao desenvolvimento industrial, a indústria química apresentou um cenário de estagnação. Os

<sup>3</sup> Calculados em U\$ FOB.

índices de produção se mantiveram próximos ao patamar do início da série histórica e o faturamento líquido do setor teve diminuição de 2% ao ano.

As dificuldades enfrentadas pela indústria química brasileira, além de elevarem o déficit da balança comercial, expõem à dependência externa segmentos importantes da produção nacional, como os de insumos básicos para os setores da saúde, agricultura e indústria automotiva. Vale ressaltar que a importação desses produtos inibe a criação de empregos industriais que se caracterizam por maior remuneração, qualificação e geração de valor agregado.

Para efeitos de comparação, o Brasil tem o segundo pior saldo da balança comercial de químicos no mundo. Em 2019, o déficit comercial no ramo foi de US\$ 31,6 bilhões<sup>4</sup>, atrás somente dos EUA, com US\$ 54,8 bilhões. No caso da indústria farmacêutica, o país é o sexto maior mercado consumidor. O déficit da balança comercial de fármacos revela que a dependência estrangeira a que o Brasil está submetido é anterior à pandemia de covid-19, uma vez que, em 2019, foi registrado déficit recorde de US\$ 6,2 bilhões.

### **As movimentações recentes na indústria petroquímica**

A indústria química, em geral, e a petroquímica, em particular, são segmentos importantes e dinâmicos da indústria de transformação. Mesmo pressionada pela perda de competitividade, especialmente frente à China e Estados Unidos, a indústria química brasileira é a sexta maior do mundo, com faturamento de US\$ 101 bilhões em 2020.

O ramo petroquímico responde por aproximadamente 55% dos produtos de uso industrial no Brasil. Sua produção é utilizada por diversos outros segmentos da indústria, além de ser fundamental para setores essenciais da economia, como a agricultura e a construção civil. As complexas transformações químicas são capazes de gerar, a partir de um número relativamente pequeno de matérias-primas, um incontável número de produtos intermediários e finais.

No que se refere à forma de organização, a indústria petroquímica é relativamente diversificada, operando concomitantemente com empresas menores e com grandes

---

<sup>4</sup> Em U\$ FOB, segundo dados da Secretaria de comércio exterior do ministério da economia.

grupos econômicos. Há também na atividade petroquímica um nível de integração bastante elevado, o que propicia a economia de escala.

No Brasil, a indústria petroquímica nasce a partir da década de 50, basicamente com investimentos privados. O primeiro grande investimento estatal no segmento petroquímico ocorreu em 1952, com a fundação da Refinaria Presidente Bernardes, em Cubatão, antes mesmo da criação da Petrobrás.

O grande impulso para o início do processo de consolidação da indústria petroquímica no Brasil, porém, foi a instituição do monopólio estatal da exploração, produção, refino e transporte de petróleo e seus derivados e a criação da Petrobrás, em 1953. A legislação que estabeleceu esse monopólio não explicitava, no entanto, se abrangia a atividade petroquímica. Em 1954, o Conselho Nacional do Petróleo (CNP) baixou uma resolução delegando a atividade petroquímica, tanto quanto possível, ao setor privado. Em um primeiro momento, essa resolução foi determinante, pois, à exceção das refinarias, as empresas petroquímicas eram todas privadas.

A criação das refinarias propiciou a vinda de diversas indústrias petroquímicas para o Brasil. Em 1967, foi criada a Petroquisa, subsidiária da Petrobrás, que tinha por finalidade estimular a integração dos investimentos públicos e privados no segmento, especialmente em relação ao planejamento, diversificação e ampliação da atividade petroquímica no país.

O Polo Petroquímico de São Paulo foi o primeiro polo do Brasil, implantado ainda na década de 1960. Já nos anos de 1970, formou-se o Polo Petroquímico de Camaçari, na Bahia e, em seguida, o polo petroquímico de Triunfo, no Rio Grande do Sul.

Ao longo do tempo, a indústria petroquímica se consolidou no país, especialmente até o início da década de 1990. Nos anos de 1980, as crises do petróleo e o grande endividamento externo, que gerou também alta nos juros, interrompeu a trajetória de investimentos previstos para o segmento.

A instabilidade econômica que culminou em profunda recessão, impôs grandes dificuldades para as famílias, o que acabou resultando em freio para o consumo, afetando o consumo aparente de produtos petroquímicos (sobretudo, termoplástico e borrachas), que ficou bem abaixo da capacidade de produção. Em meados da década de 1980,

especialmente a partir da 1986, com o plano Cruzado, a demanda se reaqueceu e passou a ser maior que a oferta.

No início dos anos de 1990, a combinação de recessão e aumento de oferta mundial de produtos petroquímicos, com o início da operação das petroquímicas asiáticas, reduziu expressivamente o preço dos produtos. Além disso, o Governo Collor, de forma bastante açodada, promoveu a abertura comercial no país, sem levar em conta a competitividade de vários segmentos da indústria nacional.

Além disso, foi iniciado um grande programa de privatização, que previa a saída da Petroquisa de todas as empresas petroquímicas que não fossem centrais e, nas centrais, passasse de controladora a acionista. Essa medida acabou causando considerável desestruturação no segmento.

O processo de privatização levou a indústria petroquímica quase à estagnação. Contrariando o discurso de ganho de eficiência com a redução da participação do Estado na economia, muito pouco foi investido para aumentar a capacidade de produção. Não houve criação de novos projetos e o que se viu foi o cruzamento das participações acionárias dos grupos privados. Para se ter uma ideia, entre 1990 e 1997, a indústria petroquímica cresceu apenas 9%, enquanto o PIB cresceu 21%.

Registre-se que o segmento petroquímico foi o que teve o maior número de empresas privatizadas, totalizando 27 desestatizações, o equivalente a 7% do total das privatizações então realizadas.

Os movimentos recentes na indústria petroquímica podem ter um efeito tão relevante para o segmento como o que foi vivenciado na década de 1990, especialmente quando se considera o plano de desinvestimento da Petrobrás, que coloca a primeira geração de produtos petroquímicos em alerta, ao privatizar oito das 16 refinarias que possui. O foco das vendas são as refinarias do Nordeste e do Sul, uma vez que se pretende focar apenas em exploração e produção de petróleo na região do pré-sal.

O primeiro semestre de 2021 foi marcado pelo início das movimentações de vendas de ativos de importantes empresas do segmento, com aumento expressivo de fusões e aquisições<sup>5</sup> no período. Com o anúncio de vendas de refinarias da Petrobrás e

---

<sup>5</sup> No primeiro semestre de 2021, o aumento das fusões e aquisições no setor de petróleo e gás aumentaram 700% em relação ao primeiro semestre de 2020, segundo estudo realizado pela KPMG.

ativos de grandes empresas do segmento, há uma mudança na estrutura de propriedade no início da cadeia petroquímica. Das 16 operações realizadas, nove foram entre empresas brasileiras; cinco, de empresas estrangeiras adquirindo companhias nacionais; e outras duas, de nacionais adquirindo companhias estrangeiras.

A crise econômica e sanitária que assola o Brasil provocou um recorde de fusões e aquisições de empresas nos diversos setores da economia, que atingiram, no primeiro trimestre de 2021, 375 empresas. A desvalorização cambial abrupta, que, de janeiro a maio, correspondeu a 45%, contribuiu fortemente para a mudança das relações econômicas entre empresas brasileiras e estrangeiras. A injeção de liquidez por meio de pacotes de recuperação econômica em diversos países sinalizou para a expansão de várias empresas multinacionais, o que efetivou a concentração de ativos em grandes empresas.

A desnacionalização acelerada da cadeia petroquímica é uma novidade decorrente do cenário pandêmico. Conforme já mencionado, o último processo de reestruturação no país, com a entrada de multinacionais, ocorreu em 1992, com a desastrosa abertura econômica implementada pelo Governo Collor.

No geral, as consequências da entrada de empresas estrangeiras em setores tradicionalmente operados por empresas nacionais são negativas para os trabalhadores e a sociedade como um todo. A presença de empresas multinacionais acentua a desindustrialização da petroquímica, já que muitas delas optam por importações para revenda no mercado interno, em vez de investir na produção local, bem como promovem o aumento de remessas de lucro ao exterior. Observam-se também processos de reestruturações diversas, que levam à diminuição no quadro de trabalhadores, especialmente quando se trata de fusões de empresas de um mesmo ramo.

O que chama a atenção no caso das recentes operações realizadas no ramo petroquímico brasileiro é a aquisição feita por fundos de *private equity*<sup>6</sup>, ou seja, fundos privados especializados no ramo financeiro. Esses fundos de investimentos financeiros

---

<sup>6</sup> Fundos de *private equity* são fundos de investidores controlados por empresas financeiras privadas, que se caracterizam pela compra de empresas para a implementação de planos de reestruturação, consolidando uma porção do mercado para, depois, abrir o capital da empresa e/ou venda de ativos para a obtenção de lucros.



sem vinculação específica com a área petroquímica podem levar a efeitos nefastos na cadeia de produção.

A seguir, serão apresentadas informações sobre as empresas petroquímicas que sofreram processos de venda e, em seguida, será analisada a política de desinvestimento da Petrobrás.

### **Elekeiroz**

A Elekeiroz é uma das primeiras empresas do ramo químico brasileiro. A empresa atua no país desde 1894 e foi desenvolvida a partir da firma Luiz de Queiroz e Cia, sendo pioneira na produção de ácido sulfúrico no Brasil. A Elekeiroz é considerada o marco inicial da produção de escala da indústria química nacional.

Ao longo do século XX, a empresa teve uma longa trajetória de ascensão. Em 1959, inaugurou a primeira fábrica de anidrido ftálico do Brasil e, em 1960, implantou a primeira fábrica de octanol da América do Sul.

A companhia abriu o capital à subscrição pública em 1969. Em 1982, grande parte de sua participação foi comprada pela Itaúsa, que assumiu o controle majoritário alguns anos depois. Durante os anos 90, foram vendidas algumas de suas plantas produtivas, como a unidade produtora de fertilizantes em Guará-SP, em 1998. Os anos 2000 foram marcados pela expansão da empresa, com a aquisição de outras companhias e a intensificação das atividades no polo petroquímico de Camaçari.

Em 2018, a Elekeiroz teve sua venda efetivada para o fundo privado de *equity* H.I.G. Capital, sediado em Miami. À época, a empresa contava com 320 trabalhadores. No ano seguinte, após reestruturação, a empresa reduziu o número de postos de trabalho para 304.

Além da imediata redução de custos com as demissões, foram adotadas ações para a flexibilização das remunerações, que passaram a ser compostas por parcelas variáveis, não incorporadas aos salários. Essa medida pode acarretar uma série de prejuízos aos trabalhadores, uma vez que o pagamento de verbas adicionais pode ser suspenso a qualquer momento e sobre elas não incidem encargos trabalhistas, tampouco os reajustes resultantes de negociações coletivas de trabalho que recaem sobre os salários fixos.

As trocas de gestão, além de impactarem negativamente o emprego e a remuneração, ocasionam o risco de realização de venda fatiada dos ativos da empresa, em função da necessidade de proporcionar aos investidores retornos a curto e médio prazo. A estratégia de maximização do lucro a curto e médio prazo está na contramão dos longos ciclos de investimentos e planejamento da indústria química e pode levar à desestruturação das cadeias de produção e a reconversões industriais em atividades de menor valor agregado.

As escassas perspectivas de investimentos com retorno de longo prazo é outra face dessa dinâmica de gestão, dado que os fundos financeiros atuantes têm interesse na revenda após a reestruturação. Deve-se considerar, no entanto, que podem ser percorridas diferentes trajetórias nos processos de aquisições, envolvendo falência, fusão, reestruturação ou outras ações que visem ao aumento de eficiência e produtividade, porém, todas essas alternativas acabam por implicar demissões.

Ao reduzir salários e promover a reestruturação produtiva para a maximização de lucros, esse processo contribui para a concentração de riqueza, e, conseqüentemente, para o aumento da desigualdade. Logo, pode-se afirmar que o recente movimento de entrada de fundos de investimento alavancados (*private equity*) na indústria petroquímica tem caráter econômico regressivo e concentrador de renda, além de ser nocivo para o desenvolvimento nacional do segmento.

### **Braskem**

A companhia Braskem<sup>7</sup> foi fundada em 2002, a partir da fusão de diversas empresas: Copene, OPP, Trikem, Nitrocarbano, Proppet and Polialden. O nome vem da mescla entre o prefixo “Bras” de Brasil e “Kem” de *chemistry*, química, em inglês. A empresa é atualmente a sexta maior petroquímica do mundo e a maior da América Latina. Articuladora entre as refinarias e o restante da cadeia de produção química no Brasil, a empresa é peça-chave na indústria nacional, por se situar no início da geração de valor, a primeira geração de produtos químicos. Além disso, apresenta alta especialização na área de resinas termoplásticas, exercendo importante papel na inovação, especialmente com o

---

<sup>7</sup> Para maiores aprofundamentos sobre a história das empresas, ver a nota técnica 196 de julho de 2018. “Um novo cenário da indústria petroquímica brasileira está sendo desenhado”

desenvolvimento do polietileno verde - plástico biodegradável produzido a partir da cana-de-açúcar.

A Braskem é, em volume de vendas, ao menos duas vezes maior do que a Mexichem do México. Hoje, a empresa conta com cerca de oito mil trabalhadores diretos e um valor de mercado de 50 bilhões de reais<sup>8</sup>. Com unidades no Brasil, México, Alemanha e Estados Unidos, a companhia é a oitava maior produtora de resinas no mundo.

A composição societária da Braskem, conforme relatórios da própria empresa, é formada pela participação da Novonor (antiga Odebrecht), que possui 50,1% do capital votante e 38,3% do capital total, e da Petrobrás, detentora de 47,0% do capital votante e de 36,15% do capital total.

A petroquímica, parte do grupo Novonor, foi uma das maiores afetadas pela Operação Lava Jato. Conjuntamente com a crise econômica dos anos 2015/2016, o grupo acabou por acumular um endividamento sem precedentes. Como parte do acordo de recuperação judicial, a Novonor deverá vender a Braskem para pagar os credores.

A venda da Braskem vem sendo anunciada desde 2018 e os ativos do grupo Novonor poderão ser vendidos de forma fragmentada, desestruturando a cadeia produtiva da empresa. As negociações com a LyondellBasell, multinacional com predominância na Holanda, foram frustradas em 2018, após aumento do passivo ambiental em Alagoas<sup>9</sup> e problemas com fornecimento de matéria-prima no México.

Recentemente, a empresa apresentou um plano para vender suas ações na bolsa de valores. A operação, contudo, tem de ser aprovada pelos cinco bancos que detêm as ações como garantia de pagamento das dívidas do grupo. Bradesco, Itaú Unibanco, Santander, Banco do Brasil e Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) são os responsáveis por aprovar as vendas, o que significa que o futuro da companhia está em mãos do sistema financeiro. A Petrobrás, no entanto, poderá exercer seu direito à preferência na compra da petroquímica ou de venda conjunta e, segundo

---

<sup>8</sup> Valores declarados pelo Valor Data, em setembro/2021.

<sup>9</sup> As atividades de extração de sal gema em Alagoas levaram ao afundamento de bairros com consequente desalojamento de pessoas.

anunciado, deve optar pela venda fatiada, podendo até adquirir parcelas da Braskem em regiões como o Sudeste.

Sendo assim, o Brasil presencia um possível fatiamento da venda da maior empresa da América Latina no ramo e que é peça-chave da cadeia de produção petroquímica, o que pode representar a desarticulação de suas plantas industriais para atender aos interesses de seus novos compradores.

Esse processo, se realizado, levará a instabilidades no fornecimento de insumos petroquímicos em diversas regiões do país e poderá provocar mudanças em preços e em estratégias empresariais. É provável também que os trabalhadores vinculados à empresa sejam prejudicados por reestruturações em seu ambiente de trabalho e, sem perspectivas de aumento substantivo da produção local de produtos químicos, há a possibilidade de adoção de medidas para flexibilização dos acordos coletivos, com redução e até retirada de direitos adquiridos; mudança no regime de turnos; imposição de perdas financeiras; e até eliminação do emprego, ameaças às quais o movimento sindical deve estar atento e pronto para responder.

A Braskem, principal controladora dos polos petroquímicos de Camaçari, Mauá, São Paulo e Triunfo, será alvo de mudanças que afetarão a indústria química como um todo e, embora ainda não se possa afirmar com segurança quais rumos a companhia tomará depois de concretizada a venda, sabe-se que a alteração do centro de controle das atividades, bem como de P&D, já é realidade desde 2018. Assim, pode-se considerar a forte probabilidade de que a(s) incorporadora(s) continue(m) percorrendo os caminhos que já vêm sendo traçados pela indústria petroquímica do país.

Caso concretizado o fatiamento da empresa, haverá aumento no número de empresas nas atividades de fabricação de resinas e de petroquímicos básicos. A fragmentação da Braskem nessas atividades imporá condições de trabalho desiguais nas diversas regiões do país, podendo atingir com mais intensidade os polos de Camaçari e de Triunfo.

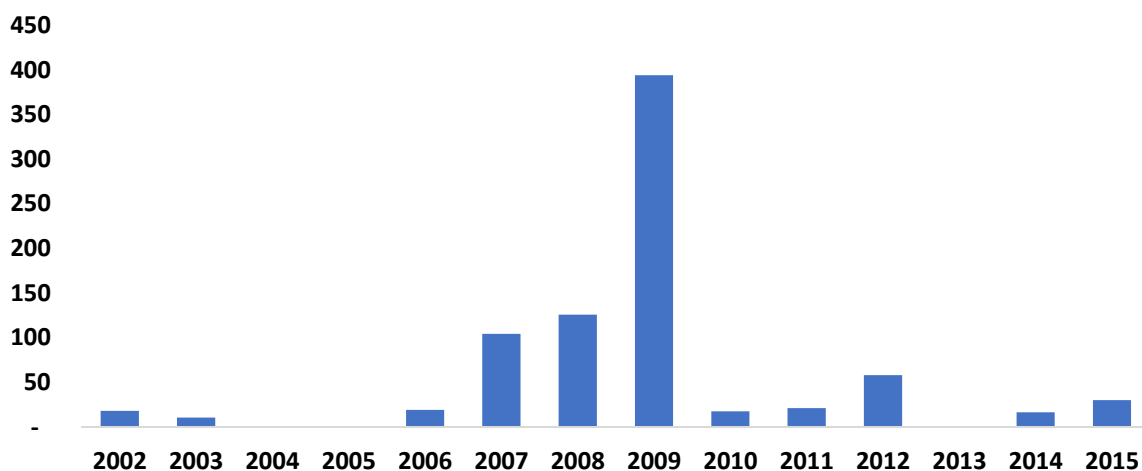
## **OXITENO**

Criada em 1970, a maior empresa de especialidades químicas do Brasil teve, em 2021, sua venda anunciada pelo Grupo Ultra à multinacional Indorama Ventures, com

sede na Tailândia. A Oxiteno é responsável por doze unidades industriais no país e por várias outras na Venezuela, México, Uruguai e EUA, com escritórios na China e na Bélgica. As atividades da Oxiteno são especialmente importantes na cadeia química, por se tratar da segunda geração de químicos. Os produtos fabricados pela empresa - óxido de eteno e monoetilenoglicol (MEG) - são destinados à fabricação de soluções agrícolas e produtos de higiene e limpeza, responsáveis por mais de 50% das vendas da empresa. Vale ressaltar que a Oxiteno é a única produtora de óxido de eteno no Brasil.

A trajetória de internacionalização da empresa, que teve início nos anos 2000, contou com a participação estatal no financiamento de suas atividades por meio do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Em 2003, a empresa adquiriu a Canamex, no México e, posteriormente, deu continuidade à abertura de escritórios na Argentina (2006), Estados Unidos (2007), Bélgica (2008), Colômbia (2011), Uruguai (2012) e China (2012). Entre os anos de 2002 e 2015, a Oxiteno recebeu 815 milhões de reais em financiamentos pelo BNDES.

**GRÁFICO 3. Financiamentos aprovados pelo BNDES à Oxiteno, em milhões. 2002 – 2021.**



Fonte: BNDES  
Elaboração: DIEESE

O financiamento obtido pela empresa no período de 2002 até 2015 é parte de uma estratégia de integração da cadeia da indústria química brasileira. Por meio da injeção de recursos subsidiados pelo Estado, a Oxiteno cresceu substantivamente de tamanho, chegando, em 2016, a relatar um total de Lucros Antes de Juros, Impostos, Depreciação

e Amortização (LAJIDA) de 740 milhões de reais, figurando em terceiro lugar no ranking M20 das maiores empresas do ramo químico e petroquímico brasileiro.

A venda para um grupo multinacional ligado ao ramo químico sinaliza uma apropriação do setor industrial brasileiro, construído com o auxílio estatal, para um grupo multinacional. Ainda é incerta a estratégia que será adotada pelo grupo Indorama Ventures em relação à empresa, mas a mudança de propriedade de uma das principais indústrias químicas brasileiras terá influência em toda a cadeia de produção.

A estratégia do grupo Ultra é mais clara. Em comunicado sobre a venda, argumentou que o grupo planeja migrar para atividades mais lucrativas. O Ultra é também dono das companhias Ultragaz, Ipiranga e Ultracargo, atividades de menor valor agregado, que se destinam ao setor de comércio e distribuição logística.

### **Política de desinvestimentos da Petrobrás**

Principal operadora das extrações de petróleo no Brasil, a Petróleo Brasileiro S.A. conhecida como Petrobrás, é a maior empresa no ramo de extração e refino de petróleo e gás do país. Listada como número 120 na lista da Forbes das 500 maiores empresas do mundo, a Petrobrás conta com 41.485 trabalhadores e, em 2020, produziu cerca de 2,84 milhões de barris de óleo equivalente<sup>10</sup> por dia, segundo a empresa.

No início da cadeia de produção da indústria química, a Petrobrás tem função primordial no abastecimento de matéria prima para a produção da indústria química e dos combustíveis consumidos no país. Resultado do movimento “O petróleo é nosso”, a empresa foi criada em 1953 e obteve o monopólio legal da extração e refino de petróleo até 1997.

Desde o avanço da desestruturação da cadeia de petróleo e gás promovida pela operação Lava Jato, a Petrobrás vem aplicando um programa de austeridade, visando à priorização da distribuição de lucros aos acionistas. Esse plano tem se materializado na venda de vários ativos, como refinarias, campos de petróleo e empresas subsidiárias, e na política de paridade de preços internacionais para os combustíveis, penalizando a população com os altos preços dos derivados do petróleo.

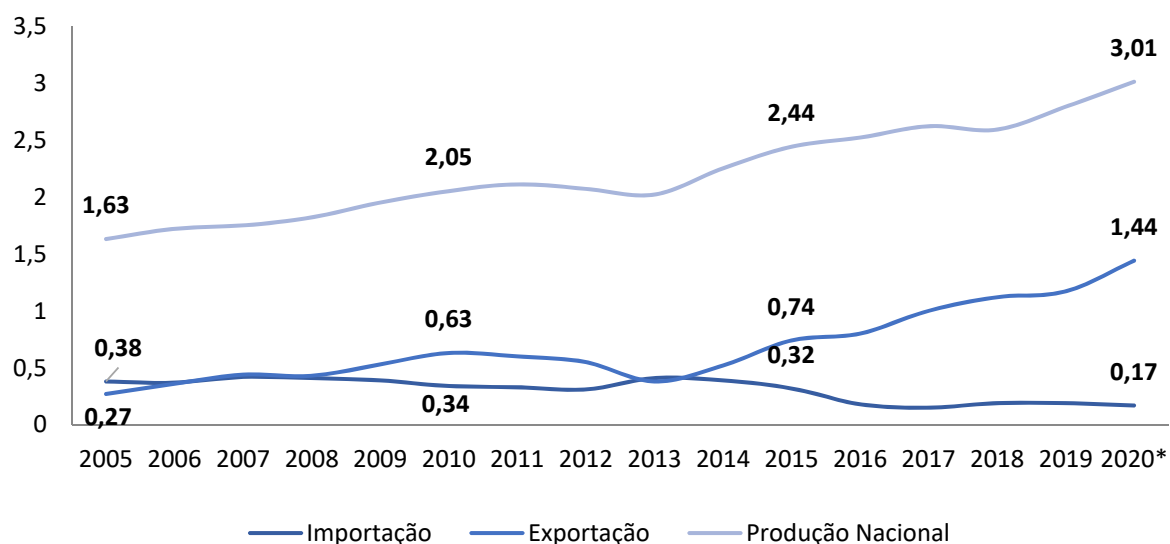
---

<sup>10</sup> Barril de óleo Equivalente (BOE) é a unidade utilizada para comparar volumes de petróleo e gás natural.

Não bastasse, desde 2016, a empresa vem implementando ações de desinvestimentos e vendas de ativos. Das 13 refinarias das quais a Petrobrás é proprietária, oito foram colocadas à venda e, destas, duas já foram privatizadas. Em 2017, a empresa iniciou a venda de uma de suas principais filiais, a BR Distribuidora, em processo de abertura de capital e venda de ações, concretizada em 2021, que totalizou a arrecadação de US\$ 6,2 bilhões pela Petrobrás.

Assim, a Petrobrás vai deixando de ser uma empresa integrada, atuante em vários setores da cadeia energética nacional, e se torna uma exploradora de petróleo, concentrada nos campos do pré-sal. Vendendo ativos e reduzindo os investimentos no país, a companhia vai assumindo a estratégia de avançar na exportação de petróleo cru, que, em 2020, chegou à média de um milhão de barris por dia (Gráfico 4).

**GRÁFICO 4. Evolução da produção, exportação e importação de petróleo, 2005 – 2020\***



Fonte: ANP, IBP. Elaboração: DIEESE

\*Dados até agosto/20.

Em relação à cadeia petroquímica nacional, as decisões da Petrobrás estão na direção contrária das que vêm norteando as grandes petroleiras do mundo, com a saída do segmento e concentração em ativos na Região Sudeste. Em 2018, a Petrobrás vendeu a Petroquímica Suape e a Citepe, localizadas em Pernambuco, para uma empresa mexicana, a Alpek e ainda pretende sair completamente da Braskem, com a venda de 36,15% de suas ações. Além disso, colocou à venda 27,88% de suas ações na Deten

Química S.A, localizada na Bahia, que tem como maior interessado o fundo Mubadala, que já adquiriu a refinaria Landulpho Alves, também sediada na região. Vale destacar, ainda, a saída completa da Petrobrás da produção de fertilizantes, hibernando as fábricas no Mato Grosso e Paraná e arrendando, para a Proquigel Química S.A, a fábrica de Sergipe e para a Unigel, a fábrica da Bahia.

O segmento petroquímico nacional vive momento de desnacionalização, com a atração de grandes grupos financeiros e fundos de investimentos estrangeiros, tomando rumo oposto ao período anterior, em que havia uma estratégia nacional em apostar nas campeãs nacionais, via recursos do BNDES e maiores investimentos da Petrobrás no segmento. Como exemplo, vale lembrar a criação da Braskem, em consolidação entre Petrobrás e Odebrecht (hoje Novonor).

O crescimento constatado das importações de produtos químicos especializados vem confirmar a tendência ao subdesenvolvimento do país enquanto dependente de produção estrangeira para cumprir necessidades básicas do consumo interno.

## **Considerações Finais**

Com as iminentes mudanças na estrutura dos polos petroquímicos, o ideal de mobilização das empresas com fins de fortalecer a cadeia nacional petroquímica – do poço ao plástico – se distancia. As vendas de empresas químicas para grupos multinacionais remontam à abertura econômica de 1990, abertura desregulada seguida pela privatização de diversas companhias, que causou grandes estragos na estruturação dos polos petroquímicos. Até os dias atuais, a indústria não conseguiu recuperar a participação no consumo nacional que havia construído no período pré 1990.

A venda de refinarias da Petrobrás, o possível fatiamento da Braskem, a venda da Oxiten, a revenda da Elekeiroz e de outras empresas apontam para uma nova configuração do segmento petroquímico, do ramo químico e da indústria. O modelo de capital nacional estatal e privado com caráter monopolista adotado na articulação entre Petrobrás e Braskem mostrou alguns resultados no momento em que havia congruência entre grupos empresariais e governos de cunho desenvolvimentista.

Com a mudança de política econômica a partir de 2016, a priorização da distribuição de lucros e dividendos aos acionistas das empresas em combinação com o



abandono de estratégia de médio e longo prazo tem impactado negativamente a balança comercial e os preços de mercadorias da indústria química brasileira. Dessa maneira, a economia do país ficou mais dependente de importações e suscetível às variações cambiais. A exposição às variações do câmbio é, em parte, uma das explicações para o atual aumento inflacionário.

O formato da entrada de multinacionais no segmento ainda é incerto. Em algumas situações, há indicativos de aquisições por entidades do setor financeiro, como por exemplo, na Elekeiroz, mas também há casos em que empresas multinacionais do ramo atuam, como na Oxiteno.

A forma como essas operações serão efetivadas dará o rumo para o futuro dos polos petroquímicos e de seus trabalhadores. As aquisições feitas por fundos de *private equity* tendem a ser mais agressivas e ter estratégias de gestão voltadas ao curto e médio prazo, com possível revenda das empresas em poucos anos. No modelo de incorporação por multinacionais com experiência no ramo, há a perspectiva de reestruturação, sobretudo da força de trabalho. Contudo, podem ocorrer mudanças que apontem para reorganizações com tendências de planejamento de médio e longo prazo, acompanhadas por novos investimentos.

A venda de refinarias da Petrobrás sinaliza quais polos petroquímicos serão mais almejados pelo setor privado. Sem uma visão estratégica clara do governo federal em relação ao desenvolvimento do país e diante do alto grau de instabilidade política que se tem enfrentado nos últimos anos, os polos petroquímicos mais vinculados às refinarias da Petrobrás são menos atraentes para investidores. Quanto aos polos que já foram privatizados, a tendência é que passem por uma fragmentação ainda maior.

A venda da Braskem poderá dar pistas sobre o caminho a ser trilhado no futuro próximo. Caso a Petrobrás siga na estratégia de incorporar os ativos da Braskem no Sudeste, as diferentes formas de vendas de ativos das petroquímicas devem imprimir ao segmento uma dinâmica mais complexa, acentuando as desigualdades regionais entre os poços de extração e os processos de refino. Essas distinções atingirão os trabalhadores das diversas localidades onde a empresa se localiza, fragmentando as negociações coletivas e rebaixando direitos trabalhistas consolidados.

## Referências bibliográficas

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS INDÚSTRIAS QUÍMICAS. **RAC**: Relatório de Acompanhamento Conjuntural, São Paulo, ano 30, 23 p., maio 2021. Periodicidade mensal. ISSN 1517-6967.

LIMA, Danilo Araújo Rennó; JORGE NETO, Paulo de Melo. **Privatização do setor petroquímico no Nordeste**: um estudo de eventos sobre geração de valor. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2002. (Texto para Discussão, 231).

MONTENEGRO, Ricardo Sá Peixoto; MONTEIRO FILHA, Dulce Corrêa. **Estratégia de integração vertical e os movimentos de reestruturação nos setores petroquímico e de fertilizantes**: Relatório BNDES Petroquímica e Fertilizante. Rio de Janeiro, 2003

TORRES, Eduardo Mc Mannis. A evolução da petroquímica brasileira. **Química Nova**, São Paulo, n. 20 (Especial), 1997.



**Escritório Nacional**

Rua Aurora, 957, Centro, São Paulo, SP  
CEP 01209-001  
Tel.: 11 3874-5366 – 11 3821-2199  
www.dieese.org.br

**Presidente** - Maria Aparecida Faria

Sindicato dos Trabalhadores Públicos da Saúde no Estado de São Paulo – SP

**Vice-presidente** - José Gonzaga da Cruz

Sindicato dos Comerciários de São Paulo – SP

**Secretário Nacional** - Paulo Roberto dos Santos Pissinini Junior

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas de Máquinas Mecânicas de Material Elétrico de Veículos e Peças Automotivas da Grande Curitiba - PR

**Diretor Executivo** - Alex Sandro Ferreira da Silva

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas Mecânicas e de Material Elétrico de Osasco e Região - SP

**Diretor Executivo** - Antônio Francisco da Silva

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas Mecânicas e de Materiais Elétricos de Guarulhos Arujá Mairiporã e Santa Isabel - SP

**Diretor Executivo** – Gabriel Cesar Anselmo Soares

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Energia Elétrica de São Paulo – SP

**Diretora Executiva** - Elna Maria de Barros Melo

Sindicato dos Servidores Públicos Federais do Estado de Pernambuco - PE

**Diretora Executiva** - Mara Luzia Feltes

Sindicato dos Empregados em Empresas de Assessoramentos Perícias Informações Pesquisas e de Fundações Estaduais do Rio Grande do Sul - RS

**Diretora Executiva** - Maria Rosani Gregorutti Akiyama Hashizumi

Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos Bancários de São Paulo Osasco e Região - SP

**Diretor Executivo** – Claudionor Vieira do Nascimento

Sindicato dos Metalúrgicos do ABC - SP

**Diretor Executivo** - Paulo de Tarso Guedes de Brito Costa

Sindicato dos Eletricitários da Bahia - BA

**Diretor Executivo** - Sales José da Silva

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas Mecânicas e de Material Elétrico de São Paulo Mogi das Cruzes e Região - SP

**Diretora Executiva** - Zenaide Honório

Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo – SP

**Direção Técnica**

Fausto Augusto Júnior – Diretor Técnico

José Silvestre Prado de Oliveira – Diretor Adjunto

Patrícia Pelatieri – Diretora Adjunta

**Equipe técnica**

Ana Georgina da Silva Dias

Carlos Takashi

Cloviomar Cararine

Douglas Meira Ferreira

Vera Gebrim (revisão)

